

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GILMAR VON MUHLEN

**FUTEBOL NA ESCOLA: PERCEPÇÃO CULTURAL EM UMA ESCOLA ESTADUAL
DE FLORIANÓPOLIS-SC**

Florianópolis

2015

GILMAR VON MUHLEN

**FUTEBOL NA ESCOLA: PERCEPÇÃO CULTURAL EM UMA ESCOLA
ESTADUAL DE FLORIANÓPOLIS-SC**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura de
Educação Física, do Centro de Desportos da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Ms. Paulo Ricardo do
Canto Capela.

Florianópolis

2015

GILMAR VON MUHLEN

FUTEBOL NA ESCOLA: PERCEPÇÃO CULTURAL EM UMA ESCOLA ESTADUAL
DE FLORIANÓPOLIS-SC

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

BANCA:

Orientador: Prof. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela
Centro de Desportos, UFSC.

Examinadora: Lic. Janaina Andretti Silva

Examinador: Ms. Lucas Barreto Klein

Suplente: Prof. Dr. Edgard Matiello Junior
Centro de Desportos, UFSC.

Florianópolis, 17 de Julho de 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de antemão a Deus por ter me concedido a dádiva da vida, e me ofertado força, paciência e fé durante todo o caminho, me permitindo chegar até aqui.

Aos meus pais, Geraldo Von Muhlen e Carmem Lucia Batista, por estarem sempre do meu lado e me incentivando para que eu continuasse até o fim. Por acreditarem em meus sonhos e vibrarem a cada pequena conquista minha. Como também aos meus irmãos, e demais parentes que colaboraram de alguma forma neste percurso, em especial meus avós Francisca Andrade Batista e Neribo Alexandre Batista que sempre me ajudaram, e por fim, queria agradecer a minha falecida tia Fernanda Batista, por ter sido importante na escolha deste curso.

Agradeço as amizades sinceras construídas ao longo desta caminhada. Aos amigos da turma 2010.1, pelos momentos inesquecíveis durante as aulas, JINEFs e momentos de descontração. Em especial destaque para Alexsandro João de Oliveira e Wanessa Bressan, pela parceria, brincadeiras, estudos, estágios, viagens, e por estarem sempre presentes nos momentos bons e ruins. Especialmente destaco a grande amiga Aline Alves por ter sido muito importante durante toda a caminhada e nesta reta final. Sentirei muitas saudades!

As experiências profissionais vividas durante este percurso, no projeto de extensão de natação para deficientes na UFSC e nas “escolinhas” de futebol. Agradeço ao Edson Belmonte, professor Fernando Diefenthaeler e ao Heitor Machado Cordeiro por confiarem em mim e me darem a oportunidade de desenvolver meu trabalho e a todos os profissionais que trabalharam comigo. Também quero reconhecer a importância de todos aqueles que foram meus alunos.

Aos professores, cada qual a sua maneira, ofertou seu conhecimento mostrando-me novas visões de mundo. Muito obrigado, vocês serão sempre lembrados! Gratidão especial a meu orientador Paulo Capela que me auxiliou no desenvolvimento desse estudo, dedicando tempo e muita paciência para comigo. E a todos que de alguma forma torceram por mim, muito obrigado! Levarei todos em meu coração.

"Não é o que você faz, mas quanto amor você dedica no que faz que realmente importa."

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

Essa pesquisa desenvolveu-se em uma turma da 6ª série do ensino fundamental da rede pública estadual de Florianópolis e tem como objetivo geral identificar qual a apropriação cultural do futebol dentro e fora da escola. É uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, em que se utilizaram como informantes culturais as crianças, a professora de Educação Física e o diretor da escola. Os resultados apontam elementos significativos para entendimento e melhora da apropriação do futebol em aulas de Educação Física das escolas.

Palavras-chave: Futebol. Educação Física. Escola.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Aspectos relevantes dos alunos do jogo de futebol na escola	31
Tabela 2 - Aspectos relevantes dos alunos do jogo de futebol fora da escola.....	32
Tabela 3 - Reflexões dos alunos sobre o futebol que eles jogam	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDS – Centro de Desportos

GECUPOM - Grupo de Estudos em Cultura Popular e de Movimento

IELA – Instituto de Estudos Latino-Americanos

PPP – Projeto Político Pedagógico

RJ – Rio de Janeiro

SC – Santa Catarina

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

SP – São Paulo

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNIESC – Unidade de Educação de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	COMEÇA O JOGO	9
1.1.	OBJETIVOS	11
1.1.1.	Objetivo geral.....	11
1.1.2.	Objetivos específicos.....	11
1.2.	TIMES ESCALADOS.....	11
1.2.1.	Sistema tático	11
1.2.2.	Esquema tático	12
1.2.3.	A estrutura tática	13
2	ESTAVA ESCRITO NA PRANCHETA	14
2.1.	FUTEBOL NA ESCOLA	14
2.2.	FUTEBOL NA ESCOLA E FUTEBOL DA ESCOLA	15
3	A TORCIDA GRITA DE ALEGRIA	25
3.1.	O ESTÁDIO.....	25
3.2.	FALA BOLEIRO.....	26
4	FALA COMENTARISTA	37
4.1.	ANALISANDO O JOGO	37
4.1.1.	Técnico instrumental	39
4.1.2.	Do esclarecimento.....	40
4.1.3.	Interações sociais	41
4.1.4.	Sensibilização para a vida	41
5	DESLIGANDO OS MICROFONES	42
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICES	48
	ANEXOS	53

1 COMEÇA O JOGO

No Brasil desde que se nasce, o futebol, assim como as primeiras “mamadeiras” já começa a fazer parte da cultura, em especial da masculina.

A partir da constatação anterior baseado em autores como Kunz (2003), Melo (2000), entre outros, é possível dizer que o futebol para os brasileiros é uma paixão nacional, para o qual há adeptos de todas as idades. É uma paixão que se inicia desde muito cedo na vida das crianças, pois não necessita de muitos implementos para a sua prática. Bastam alguns jogadores, um espaço, dois gols, que podem ser feitos até com tijolos, pedras ou sandálias, e um objeto a ser chutado, que na falta da bola, pode ser improvisado com uma garrafa, meia, papel, laranja e etc.

Muitos meninos se envolvem apaixonadamente com o jogo de futebol. São infindáveis os dias, manhãs, tardes, finais de semana jogando futebol. Ensaando dribles, jogadas, construir traves, marcar linhas dos campos inventados, organizar torneios, sonhar ser um grande jogador como os ídolos de cada época. Esse gosto pelo futebol não se limitava somente ao jogar, mas também a assistir jogos e programas na televisão e de conversas sobre futebol no rádio e também criar brincadeiras com o futebol.

Assim, é possível afirmar que o futebol, é muito mais que uma paixão ou brincadeira lúdica para os brasileiros, acima de tudo um forte elemento de organização, mobilização, lazer festivo e comunitário, que pode muitas vezes se tornar profissão.

O futebol, essa paixão nacional brasileira e que tangencia a vida de todos os brasileiros, possui um caráter também formal que é passado de maneira melhor na universidade.

Se o brasileiro futeboliza a vida, é com essa primeira cultura que ele ingressa e passa grande parte de seu tempo na escola e também na universidade. Nas escolas brasileiras, jogava-se futebol antes, durante as aulas de Educação Física, no recreio e após as aulas. O futebol é conteúdo cotidiano das conversas e das aulas de Educação Física.

Já na Universidade se pode experimentar outro futebol, o futebol como profissão. Em especial na UFSC existe um grupo de estudos sobre futebol, o GECUPOM¹.

Mesmo sendo o futebol há muito tempo um conteúdo relevante da cultura nacional popular brasileira sabe se o quanto ele ainda é pouco tematizado culturalmente ao longo do curso e nas pesquisas importantes da área da Educação Física. Em busca realizada no site científico Portal de Periódicos Capes, no dia 01 de Outubro de 2014, sendo utilizado como palavra-chave: futebol, escola e educação física, foram encontrados 73 artigos, contudo somente 11 artigos científicos que discutem o futebol na escola. Já a busca realizada no site *Scielo*, no dia 03 de Outubro de 2014, sendo utilizado como palavra-chave: futebol e escola e, foram encontrados 9 artigos, sendo que só 3 artigos retratavam do futebol na escola.

Percebe-se a baixa quantidade de materiais científicos publicados sobre o tema pesquisado. Os artigos remetem em sua maioria sobre a manifestação instrumental e não enquanto a entendê-lo como fenômeno cultural, ou, ainda como assunto pedagógico, conforme adverte Kunz (2003), segundo ele na maioria das vezes as obras sobre este assunto são referentes aos feitos do futebol brasileiro ou sobre atividades para o treinamento, desde a iniciação até o alto nível, poucos abordam seu caráter pedagógico. Portanto justifica-se este trabalho pela necessidade de verificar como vem ocorrendo a prática do futebol no ambiente escolar, levando em conta sua importância cultural no Brasil.

Macagnan e Betti (2014), afirma que o futebol não é praticado só nas aulas de Educação Física, como também, com frequência ele é praticado e assunto das conversas dos alunos no recreio e intervalo das aulas. Assim, a pergunta inicial desta investigação é: como ele é culturalmente escolarizado em uma escola da rede pública estadual de Florianópolis?

Assim os objetivos da pesquisa deste trabalho ficam assim enunciados:

¹ O GECUPOM/FUTEBOL, Grupo de Estudos em Cultura Popular e de Movimento, configura-se em um grupo de pesquisa inserido ao Vitral Latino Americano de Educação Física, Esportes e Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina. (<http://gecupomfutebolvitral.blogspot.com.br/>)

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo geral

Investigar como o futebol é culturalmente praticado/vivenciado em vários momentos (tempos/espços) na escola, e fora dela por crianças de uma escola da rede pública estadual de Santa Catarina.

1.2.2. Objetivos específicos

Identificar elementos culturais positivos e negativos do futebol jogado por meninos e meninas dentro e fora da escola; Identificar como o futebol é culturalmente tratado nas aulas de educação física da escola; Apresentar quais as diferenças do futebol na escola e fora da escola; Investigar como o futebol é jogado e significado dentro e fora da escola pelas meninas

1.3. TIMES ESCALADOS

A pesquisa que será utilizada é qualitativa e do tipo pesquisa-ação. A escolha pela pesquisa-ação se deu com o objetivo de construir pontes entre o contexto universitário e da escola. Ao mesmo tempo em que fosse sendo realizada a pesquisa, também pudesse haver a intervenção educacional do contexto da escola que a pesquisa se realizou, a fim de qualificá-la.

1.3.1. Sistema tático

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois direciona a investigação a partir de questões que não são capazes de serem quantificadas de forma absoluta. Nesta abordagem valoriza-se a percepção dos sujeitos e o que há de subjetivo quanto às suas interpretações da realidade.

[...] a pesquisa qualitativa se caracteriza como tal pela ênfase na qualidade das entidades, processos e significados dos fenômenos investigados, e que não são mensuráveis ou examináveis experimentalmente nos parâmetros de quantidade, soma, intensidade ou frequência. Mais do que

generalizar, a investigação qualitativa procura aprofundar os aspectos societários dos sujeitos em seu viver cotidiano. (SANTOS; MORETTI-PIRES, 2012, p.18).

Este estudo terá como embasamento teórico a pesquisa-ação, em que Michel Thiollent (2011) define como um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

1.3.2. Esquema tático

No estudo desenvolvido foram utilizados três instrumentos para a obtenção dos dados: observação, questionário e entrevista.

A observação, assim descrita por Marconi e Lakatos como:

Uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.173).

Dentre as várias técnicas de observações possíveis, utilizou-se a observação assistemática ou não estruturada, Segundo Marconi e Lakatos (2010, p.175) nessa técnica há a obtenção dos dados através de registros, sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem um rígido planejamento e controle previamente elaborados.

A segunda estratégia utilizada foi a entrevista, assim definida por Minayo (2007, p. 64): “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

A entrevista foi do tipo despadronizada ou não estruturada:

O entrevistador tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas

dentro de uma conversação informal. (MARCONI: LAKATOS, 2010, p. 180).

E, por fim, o terceiro instrumento utilizado foi o questionário, “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (Marconi e Lakatos, 2010, p. 184). As perguntas formuladas foram de caráter abertas as quais, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 187) “são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria e emitir opiniões”.

Os dados obtidos foram organizados em categorias de análises, onde categorização é definida como:

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classe, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico. (BARDIN, 1979, p.117 apud MINAYO, 2007, p.88).

Segundo Minayo a categorização pode ser realizada antecipadamente, sendo que a construção das categorias nesse modelo exige um conhecimento concreto do pesquisador para descobrir qual esquema de classificação é o mais adequado para o assunto analisado. Em contrapartida, as categorias podem surgir a partir da análise do material pesquisado (2007, p.88).

1.3.3. A estrutura tática

Por fim, cabe informar que este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma, no capítulo seguinte é apresentada uma breve revisão de literatura. Este resgate é feito a fim de, situá-lo frente ao debate do futebol a estar presente na escola como conteúdo, na ou da escola. Na sequência o capítulo descreve e sistematiza as informações obtidas nas investigações (incursões) na escola, em seguida é apresentada uma análise sobre os resultados da investigação e, finalmente no último capítulo são apontadas reflexões, sugestões e recomendações.

2 ESTAVA ESCRITO NA PRANCHETA

2.1. FUTEBOL NA ESCOLA

Uma das correntes existente na história sobre a chegada e disseminação do futebol por todo território brasileiro é debatido por Melo (2000), ele demonstra que sua prática se disseminou no Brasil, em grande parte, através das escolas jesuítas, principalmente o Colégio São Luiz (Itu/São Paulo) e o colégio Anchieta (Nova Friburgo/Rio de Janeiro).

Nesses colégios, assim como nas escolas burguesas da Inglaterra, a prática do futebol foi utilizada como forma de controlar os alunos e propagar os princípios dessas instituições. Nelas o objetivo era controlar os ímpetos dos jovens e prepará-los para serem os futuros líderes do Império Britânico, disseminando valores, como a honestidade, cavalheirismo e boa conduta. A vantagem de aderir a prática do futebol nesses colégios religiosos era de promover através de uma prática organizada uma mudança de postura corporal na igreja e também educar seu desejáveis valores.

A igreja percebe que o futebol deixa de ser uma prática desorganizada para tornar-se um esporte com regras padronizadas, sob o comando de uma instituição que organiza e comanda sua prática. A igreja também, em alguns aspectos, muda o caráter do futebol enquanto atividade corporal, antes ele era visto como uma prática popular e violenta, passando a ser visto como uma forma saudável de “gastar a energia”, impedindo que os jovens aproximassem-se de atividades pecaminosas, enaltecendo seu aspecto educacional, além de por meio do futebol também promover a evangelização católica e disseminação de seus valores.

Segundo Melo (2000), inicialmente o futebol chega ao colégio São Luiz (Itu-SP) em 1880 e em 1878 o seu recém-empossado reitor, padre José Maria Mantero, viaja para a Europa em busca das novidades pedagógicas de padres jesuítas espalhados pelo mundo. O padre retorna com um livro em francês denominado “Os jogos do colégio”, onde na primeira página havia uma descrição e o modo de jogar do *Ballon au camp* (bola no campo), no qual padres descrevem no livro, o futebol como o jogo mais bonito e interessante entre todos.

Outro colégio que historicamente contribuiu para a disseminação do futebol, embora não fosse um colégio de cunho religioso, foi o Colégio Pedro II (Rio de Janeiro-Rio de Janeiro). Em 1892, com o objetivo de desenvolver a força e a

destreza, sem pôr em risco a saúde dos alunos, o diretor e vice-diretor desta instituição buscaram aguçar o gosto dos seus alunos para exercitarem o corpo por meio dos exercícios de tiro ao alvo, exercícios ginásticos e também dos jogos escolares, entre eles destacadamente o futebol.

2.2. FUTEBOL NA ESCOLA E FUTEBOL DA ESCOLA

A educação Física escolar no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, sofreu grande influência dos métodos de ensino europeu, como os Métodos Ginásticos e da instituição militar. A função da Educação Física nessa época era construir um aluno disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social e desenvolver a aptidão física dos alunos, Coletivo de Autores (1992).

A primeira escola de formação para professores de Educação Física surgiu somente em 1939, antes dessa formação os profissionais que trabalhavam nas escolas eram instrutores formados pelas instituições militares.

Após a Segunda Guerra Mundial surgiram novas tendências para o ensino da Educação Física escolar. Entre elas, duas se destacam na disputa da supremacia do ensino nas instituições escolares, o Método Natural Austríaco e o Método da Educação Física Desportista Generalizada. Esse tem influência do esporte, possuindo um grande desenvolvimento e disseminando-se em todos os países sob a influência da cultura europeia, como elemento predominante da cultura corporal nesse período pós-guerra.

Com o surgimento dessa nova tendência, que buscava o ensino por meio do esporte, muda-se o caráter do ensino da Educação Física escolar,

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. [...] caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 54).

Por volta da década de 1970, outra concepção que passou a ganhar força nas escolas brasileiras, foi à pedagogia tecnicista, a qual tem como seus princípios a racionalidade, a eficiência e a produtividade. Esses três princípios também aparecem no esporte de rendimento ganhando muita força também no âmbito

escolar. Segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 54): “por possuírem idênticos pressupostos como, por exemplo, a racionalização de meios em busca de eficiência e eficácia, assim, a identidade esportiva da Educação Física escolar é fortalecida pela pedagogia tecnicista”.

Isto posto, o esporte passa a ser um conteúdo inevitável nas aulas de educação física, sendo sua prática organizada a partir do conceito de que o esporte é:

Uma prática da cultura corporal de movimento humano determinada pelo rendimento-máximo-obrigatório-comparado, sendo que a necessidade que essa prática impõe a seus praticantes é de obrigatoriamente sobrepujar, ou seja, vencer e comparar-se inevitavelmente com seus adversários. (CAPELA et al, 2014, p.32)

Na mesma perspectiva Hildebrandt-Stramann (2001, p.26) menciona que o sistema do esporte de rendimento possui dois princípios básicos: a do sobrepujar (no sentido de vencer) e a regra da comparação objetiva. As aulas de educação física, organizadas a partir desses princípios evidenciam uma prática esportiva excludente e seletiva, pois fará com que os alunos busquem a comparação e a vitória. Isso acaba fazendo com que o resultado seja mais importante que o próprio jogo em si, não importando se todos participaram, ou se o jogo foi divertido, visa apenas a vitória. Dessa forma sempre haverá o caráter competitivo-máximo-obrigatório determinando as práticas esportivas, ou seja, a vitória e o ser o melhor irá prevalecer em relação ao jogo bem jogado e com participação de todos.

Precisamos lembrar que no esporte de rendimento só os considerados melhores são lembrados e os com menor eficiência são rotulados como fracassados, por isso não podemos deixar que esse modelo de ensino do futebol e esporte continue perpetuando-se como referência única da escola.

Kunz (2003, p.125) descreve muito bem esse tipo de prática na escola, quando afirma que: “O esporte ensinado nas escolas enquanto cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para a minoria e o fracasso ou a vivência de insucesso para a maioria”. Enfatizamos essa realidade a partir da afirmação de que: a reprodução do esporte de rendimento na escola perpetua injustiças e discriminações, haja vista que o único objetivo é vencer a seleção dos melhores e, assim, a exclusão dos demais torna-se regra, conforme (SILVA, 2003, p.172).

Partindo dessas constatações que vimos identificando, é preciso desenvolver um ensino do esporte da escola em que o jogar seja o foco principal, que todos joguem e aprendam a jogar, sem se importar tanto só com os resultados. Criando laços de grupos e se preocupando em melhorar o jogo, auxiliando o colega com mais dificuldade a evoluir ao invés de somente vencê-lo e conseqüentemente excluí-lo ainda mais.

A pedagogia escolar empregada, que utiliza o esporte como forma de desenvolver a aptidão física dos alunos e conseqüentemente segregando-os de acordo a sua capacidade técnica e física, é uma das pedagogias ainda dominantes na escola, que se fundamenta em uma concepção bancária de educação, Freire (2000) apud Silva e Junior (2011). Sendo ainda encontrada nos dias atuais com frequência nas aulas de Educação Física, pois muitos professores satisfazem-se em apresentar o conhecimento pronto aos alunos, talvez por ser mais prático, restando ao aluno apenas à possibilidade de reproduzir da forma que lhe foi ensinado e assim não permitindo que os alunos construam o conhecimento a partir das suas capacidades e culturas primeiras. Assim deixando de trabalhar aspectos importantes no desenvolvimento do aluno, como por exemplo, sua autonomia.

Por outro lado, outra realidade do ensino inapropriada do esporte na escola é o encontrado nas aulas livres. Conforme:

O Futebol/esporte vem sendo ensinado apenas como simples jogo, onde o que prevalece é o jogar futebol, o chamado “jogo pelo jogo”, desvalorizando a importância do conhecimento histórico-social do esporte, restando apenas o interesse pelo conhecimento técnico. (SILVA; JUNIOR, 2011, p.1)

Essa afirmação não foge da realidade encontrada no futebol praticado nas escolas brasileiras nos últimos anos, como expresso nas afirmações ao se referir ao futebol:

O futebol é o conteúdo que está mais presente nas aulas de Educação Física em nosso país, contudo, o futebol “ensinado” nestas aulas raramente ultrapassa os aspectos técnicos e o jogar livremente. (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010, p. 924).

Nesta mesma perspectiva Silva e Campos relatam que:

O futebol acontece apenas no nível da prática (o fazer pelo fazer), desprovido de reflexões teóricas sobre o saber fazer corporal, na maioria das vezes, de maneira sexista, quando é

oferecido como atividade apenas ao grupo masculino. Poucas vezes é abordado na perspectiva da cultura corporal de movimento, isto é, como conteúdo cultural que deve ser ensinado pela vivência prática do movimento, como também, refletido, contextualizado e redimensionado. (SILVA; CAMPOS, 2014, p.40).

KUNZ (2003, p.12) nessa mesma linha de constatação quanto a forma empobrecida com que o futebol é tratado na escola afirma que o futebol “é a modalidade preferida dos profissionais que não querem dar aula, apenas “largar uma bola”, como é conhecido no contexto da Educação Física”. Assim além de detectar que o modelo tradicional de desenvolver o esporte dentro da escola ainda persiste, nos deparamos também com o abandono por parte dos professores em sistematizar o ensino do futebol, e de outros esportes, da escola, quando o abandono:

É entendido como uma forma de atuação profissional que recebe denominações do tipo rola bola, largobol, aula matada. Em linhas gerais, trata-se da atuação docente caracterizada por não apresentar grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. (GONZÁLEZ et al., 2013, p.3).

Um dos principais motivos para que o professor aplique o futebol dessa maneira é a falta de embasamento teórico, como relata Darido et al. (2008), onde os autores ponderam que alguns professores de Educação Física vem sistematizando os conteúdos das aulas por meio de suas próprias experiências, as quais carecem de referenciais teóricos científicos já disponibilizados na área.

Outro aspecto pertinente que pode explicar esse modelo de ensino do futebol nas escolas é a falta de cooperação dos alunos, que no estudo de Faria (2014) é relatado por um dos professores entrevistados que explicita sua dificuldade em propor o futebol de forma sistematizada, pois os alunos dizem que já sabem jogar futebol e assim não levam a sério a aula, ele constata que o mesmo não ocorre em aulas de outros esportes.

O mesmo professor relata que a falta e/ou dificuldade de sistematizar o ensino do futebol não é exclusividade da escola. O futebol é repassado predominantemente em forma de jogo também na formação universitária de professores de Educação Física, e com isso as aulas de futebol, tanto da escola

quanto da universidade, acabam assemelhando-se ao futebol do recreio escolar e, ou o jogado fora da escola.

Assim, o futebol continua sendo um dos conteúdos mais presentes nas aulas de Educação Física da escola em nosso país, porém raramente é abordado para além de seus aspectos técnicos, ou enquanto jogo livre. Partindo disso percebemos que é preciso mudar como o futebol vem sendo tratado nas escolas. Nessa perspectiva Darido e Souza Junior afirmam que:

Para garantir um ensino de qualidade além de diversificar os conteúdos na escola é preciso aprofundar os conhecimentos, ou seja, tratá-los nas três dimensões abordando os diferentes aspectos que compõem as suas significações. Ou seja, quando for tratar o futebol, ir além do fazer (técnicas e táticas), mas abordar a sua presença na cultura, as suas transformações ao longo da história, a dificuldade da expansão do futebol feminino (causas e efeitos), a mitificação dos atletas de futebol, os grandes nomes do passado, a violência nos campos de futebol, entre outras possibilidades. Ou seja, é preciso ir além do costumeiro jogar. (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2007, pag.18).

Outro fator a superar no ensino dos esportes na escola diz respeito a ressignificação dos espaços utilizados para seu ensino escolar, os quais ficam restritos apenas aos jogos em quadras, pátios, e a sala de aula, na maioria das vezes em dias de chuva. Contudo, é necessário romper os muros da escola e perceber que existem outros espaços no qual podemos desenvolver este conteúdo. Como também, por exemplo, que a própria sala de aula pode ser utilizada não somente em dias de chuva como normalmente ocorre, mas sim para realizar debates sobre regras, aspectos históricos, aspectos geográficos, entre outros temas relevantes que englobam o futebol.

Nessa perspectiva, Silva e Campos (2014) apresentam alguns espaços que podem ser utilizados para trabalhar o futebol na escola além das quadras e pátios, como as mesas da cantina; o chão dos corredores; a biblioteca, para quem sabe encontrar reportagens ou outros tipos de notícias sobre futebol; a sala de informática, para que os alunos conheçam o futebol virtual; e as visitas a espaços externos da escola, como museus, federações, clubes profissionais, estádios e também podemos visitar e conhecer os clubes e competições amadoras.

Com o intuito de modificar a realidade prática da Educação Física e do ensino de esporte escolar do Brasil que a partir da década de 80, surgiram

movimentos renovadores na educação física, os quais procuraram introduzir nas aulas de educação física: princípios filosóficos que apontassem como centralidade do ensino o ser humano, sua identidade, seus valores, seus limites e interesses, conforme: (GONZÁLEZ & FRAGA, 2012 apud GONZÁLEZ et al., 2013):

O “movimento renovador” da Educação Física, como anos mais tarde ficou conhecido, reunia uma série de pensadores que ambicionava “livrá-la” da condição de mera atividade pedagógica. A maior dificuldade do movimento era fazer crer que o desenvolvimento da aptidão física em escolares, pressuposto firmemente legitimado no Decreto nº 69.450/71, publicado no auge da ditadura militar (1971), não deveria ser a finalidade principal das aulas de Educação Física. (GONZÁLEZ & FRAGA, 2012 apud GONZÁLEZ et al., 2013)

A partir desses pensadores que buscaram organizar as aulas de educação física através da pedagogia humanista surgiram novas proposições metodologias para o ensino da Educação Física e os esportes da escola. Uma das concepções que surgiram foi o Esporte para todos, que apareceu como uma alternativa ao esporte de rendimento. Essa concepção teve como finalidade promover a autonomia do ser humano como centralidade do processo de ensino, na qual “não é o esporte que faz o homem, mas o homem que faz o esporte, ele é que determina o que, como, onde, quando, por quanto tempo, com quem, sob que regras, com que objetivos, sob que condições o praticará” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.56).

A partir desta década surgem muitas outras proposições para a apropriação do esporte nas escolas. O esporte tratado na escola passa a denominar-se como esporte da escola em substituição a mera presença do futebol na escola. Nessa perspectiva Capela et al (2014) defende que o esporte deve proporcionar que as crianças e jovens aprendam a jogar bem os jogos propostos; conhecer a cultura esportiva e de como ele se apresenta nos diferentes contextos sociais; que os jovens saibam lidar com as diferenças existentes entre os praticantes, não só em relação a prática esportiva, mas também fora do jogo (em seus mundos de vida) e, fundamentalmente, sejam também informados das forças socioeconômicas e políticas que o determinam no mundo da vida externo e interno a escola.

Em relação ao futebol como conteúdo da escola, o Coletivo de autores (1992) descreve que o ensino do futebol na escola é mais do que o simples jogar, esses autores propõem que seja trabalhado os seguintes aspectos do futebol:

normas, regras, questões físicas, táticas e técnicas da prática do futebol; que os alunos entendam o futebol como espetáculo esportivo e a forma que ele fascina milhares de pessoas em sua volta. Também como a prática gera muitas receitas, na qual os alunos compreendam a diferença do futebol como jogo popular e como jogo profissional, e por fim o futebol como mercado profissional, mostrando aos alunos os diversos lados do processo de formação de um atleta profissional.

O futebol enquanto produção cultural deve ser debatido a fim de ofertar conhecimento ao aluno sobre os aspectos positivos e negativos nele contido, permitindo assim desmitificar esse esporte tão apreciado por milhões de pessoas, especialmente no Brasil. É possível também oportunizar ao aluno “criticá-lo dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural” (KUNZ, 2003, p. 20).

Hildebrandt-Stramann (2001, p. 48) também defende que as aulas de Educação Física tornem-se mais democrática e que os professores:

Abram para os alunos espaços, que lhes possibilitem definir suas próprias situações e colocar seus significados subjetivos. Isso se refere a uma compreensão de movimento, na qual o movimento fica fundamentalmente acessível à interpretação e configuração individual. (Hildebrandt-Stramann (2001, p. 48)

Hildebrandt-Stramann (2001) pensa que assim, contrariamente ao se-movimentar humano padronizado e já determinado, seja possível nas aulas de ensino dos esportes buscar a criatividade e autonomia dos alunos em realizarem e enfrentarem as dificuldades do movimento, de acordo com suas capacidades e limitações.

Kunz (2003), nessa perspectiva defende a prática do futebol a partir de movimentos ritmados, primeiramente define-se o ritmo que envolve os movimentos corporais como: “compreensão primitiva do tempo que nós exercemos com o corpo, antes mesmo de representá-lo com o pensamento” (HELLER, 2013, p. 49 apud KUNZ, 2003, p.19). Este autor defende esta prática pelo fato do ritmo estar presente na aprendizagem das habilidades técnicas do futebol, como “os famosos balõezinhos são executados com ritmo, assim como o encontro com a bola para amortecê-la” (KUNZ, 2003, p. 9).

Kunz (2003) afirma ainda que um dos fatores dos jogadores brasileiros apresentarem grande habilidade rítmica para a prática deste esporte em relação a jogadores de outros países deve-se a influência da música, como o samba. Assim “o

ensino e a conscientização rítmica no futebol pode, portanto, desenvolver destacadamente a criatividade nos praticantes” (KUNZ, 2003, p. 18).

Já Capela et al (2014) através da concepção libertadora biocêntrica, teorizada a partir de Paulo Freire, Rolando Toro, do pensamento sociológico crítico-latino-americano e o campo crítico da Educação Física brasileira que o ensino do futebol deve ser organizado a partir de 4 campos de conhecimento: técnico instrumental; conhecimentos do âmbito do esclarecimento; interações sociais e sensibilização para a vida.

Ele assim expressa esses campos de conhecimentos:

- **Técnico instrumental:** que os alunos precisam aprender a jogar bem os jogos.

- **Do esclarecimento:** que os alunos além de jogarem bem o jogo, eles também conheçam a cultura esportiva desse jogo, as diferentes formas de apresentação desse jogo nos diferentes contextos sociais, e que os alunos conheçam os pontos negativos desse esporte dentro da sociedade. Buscando esclarecer os alunos nas diferentes vertentes da prática desse esporte.

- **Das interações sociais:** que os alunos saibam lidar com as diferenças dos colegas dentro da prática esportiva e com suas opiniões, sem destemperos fisicamente ou verbais.

- **Sensibilização para a vida:** pretende-se nesse campo de conhecimento proporcionar a criação de horizontes baseados na própria vida, a fim de se efetivar um novo projeto de humanização, com o intuito de combater essa cultura capitalista que desarticula os grupos sociais. Que os alunos entendam que “[...] a cultura esportiva possui elementos bons e ruins, possui muitos germes antívida, mas, ao mesmo tempo, um grande poder de promover elementos potencializadores da vida [...]” Capela et al (2014, p.34)

Quanto à forma de organizar o ensino do futebol Trejo (2014) apresenta uma metodologia que vem sendo bastante utilizada em outros países, que se denomina de futebol social na qual o futebol tem o objetivo de encontrar:

Uma maneira de incidir na autoestima e nas realidades de populações juvenis em diferentes situações de vulnerabilidade por meio da incorporação de valores como o trabalho em equipe, o respeito, a tolerância e a diversidade. Porém, há ainda muitas outras possibilidades que se abrem com o potencial do futebol social, também conhecido em diferentes

contextos como futebol para o desenvolvimento. (TREJO, 2014, p.23).

Guimarães (2014) apresenta uma experiência bem sucedida em um projeto social no município da região metropolitana de São Paulo chamado Santana de Parnaíba, denominado de Futebol de rua – Uma nova visão do jogo. Guimarães (2014, p. 69) afirma que:

Nesse novo jogo foi preciso quebrar as barreiras impostas por um esporte predominantemente machista e que prioriza os mais habilidosos. Atuamos sempre com turmas mistas e em momento algum valorizamos somente a técnica e a habilidade. Mostramos aos educandos e à comunidade que a conduta dentro do jogo vale mais do que o número de gols marcados. (GUIMARAES, 2014, p.69)

Na metodologia utilizada nesse projeto, o árbitro do jogo, não está no jogo simplesmente para fazer cumprir as regras e controlar o andamento do jogo, ele tem o objetivo de fazer com que os alunos busquem soluções para os problemas que irão surgir no decorrer do jogo. Outro aspecto importante que deve ser ressaltado é a divisão dos tempos pedagógicos da aula, na maioria dos jogos, o futebol é dividido em dois tempos, porém, neste ocorrem três tempos. No primeiro tempo os dois times e o mediador da partida buscam um acordo sobre quais serão as regras básicas do jogo, levando em conta as condições do campo, as habilidades das equipes e demais elementos presentes no jogo. No segundo tempo, respeitando as regras acordadas anteriormente é jogado o jogo e no terceiro tempo é realizada uma conversa entre os participantes para refletir se as regras estabelecidas foram respeitadas durante o jogo. O principal objetivo dessa abordagem é dos jovens aprenderem a respeitar o próximo, assumirem responsabilidades tanto na sua vida pessoal quanto na vida comunitária, e que tenham a capacidade de interagir com as demais pessoas.

Em uma experiência bem sucedida do futebol da escola, Silva (2003) busca nessa mesma perspectiva de qualificar o ensino do futebol escolar, transformar o futebol na escola em um futebol da escola. Em relação às regras, ela diz que é preciso ser construída uma compreensão de que o aluno não é um atleta e que o professor não é técnico. Em seguida, de esclarecer aos alunos de por que o esporte da escola é diferente do esporte de rendimento, de por que e; eles não podem ser

iguais. Com isso ela afirma que o esporte da escola “precisa ser transformado para que a competição seja algo positivo, uma mola propulsora para o crescimento de todos” (SILVA, 2003, p.181). Por fim, esta autora utiliza diferentes transformações de jogo de futebol, buscando trazer elementos para que todos tenham uma experiência prazerosa e produtiva. Alguns elementos utilizados pela autora para a reestruturação do jogar foram: só as meninas podem fazer gol, quem fizer gol vai para o outro time, só vale fazer gol em dupla, não vale falar mal e vaiar os colegas, não pode fazer “panelinha” (SILVA, 2003, p.182).

Este futebol desenvolvido por SILVA (2013) tem como objetivo a participação de todos os alunos das aulas de educação física escolar, independente da habilidade, busca apresentar outra visão do futebol, mostrando que o futebol jogado fora da escola, em que o melhor sempre vence e o mais fraco não tem vez, não é a única forma de se jogar, e que existem outras maneiras de jogar o futebol e que são muito mais prazerosas, principalmente no ambiente escolar.

Assim, pode-se dizer que “o esporte na escola, não deve ser algo apenas para ser praticado, mas sim estudado” (KUNZ, 2003, p.36) e que “a realidade do esporte deve constantemente ser problematizada para tornar transparente o que ela é e saber decidir sobre o que ela poderia ser” (KUNZ, 2003, p.39).

3 A TORCIDA GRITA DE ALEGRIA

Nesse capítulo é apresentado o relato das informações obtidas e como elas foram organizadas para serem analisadas no próximo capítulo.

Para a obtenção dos dados foram observadas duas aulas de Educação Física de uma turma da 6^o série da escola Simão José Hess. Também foi elaborado um questionário semiestruturado para a obtenção de informações das crianças, da professora de Educação Física e do diretor da escola e, a fim de complementar os dados de campo, foram realizadas ainda entrevistas com as crianças da turma, a professora e o diretor. Fizeram parte da pesquisa 28 sujeitos, sendo 26 crianças, o diretor e a professora de Educação Física da série investigada. Fato significativo a destacar da atividade de campo foi ter me deparado com a greve dos professores da rede estadual, o que me proporcionou longos diálogos de esclarecimento teórico e político nas reuniões de orientação.

3.1.O ESTÁDIO

Em conversa com a coordenadora da escola foram obtidas informações sobre de onde vêm os alunos, sua classe social e informações referentes à estrutura da escola. A Escola Estadual de Educação Básica Simão José Hess, está situada no bairro Trindade, município de Florianópolis. Conta com aproximadamente 1100 alunos, distribuídos entre Ensino Fundamental e Médio. Em sua estrutura a escola conta com vinte e uma salas de aula, biblioteca, auditório, sala de informática, laboratório de química e física, laboratório de filosofia e sociologia, coordenação, sala de professores, direção, sala de orientação, secretaria, pátio, refeitório e cantina. As aulas de educação física dispõem de duas quadras abertas, um ginásio e neste momento está sendo construído mais um ginásio, além desses espaços, há um grande espaço para realizar outras atividades fora das quadras.

O colégio atende alunos dos bairros da Serrinha, Trindade, Santa Mônica, Córrego Grande, Saco dos Limões, Saco Grande, Pantanal, Carvoeira, Centro, Monte Verde, Alto da Caieira, Lagoa, Agrônômica e Ingleses. Os alunos, segundo a Coordenadora da escola, são distribuídos em três classes sociais: classe baixa –

carente (35%), classe média baixa (40%) e classe média (25%), onde é possível encontrar pais analfabetos e até professores de Universidade.

Quanto a estrutura física disponíveis para as aulas de Educação Física, verificou-se que se encontravam em bom estado devido aos recentes investimentos realizados. O espaço destinado à prática das aulas de Educação Física é bem amplo, contendo uma sala de materiais, junto a esta sala existe uma pequena área coberta, onde há uma mesa de tênis de mesa. Há também duas quadras poliesportivas, que foram reformadas há pouco tempo (2010 e 2013), sendo reformado o piso de concreto das quadras e as duas foram cercadas por telas nas laterais e fundos e em cima foi colocado rede. Também tem um ginásio e no espaço entre o ginásio e as quadras havia uma quadra de vôlei de areia, contudo agora, neste local está sendo construído mais um ginásio.

Atualmente a Escola de Educação Básica Simão José Hess pertencente à rede estadual de ensino, tendo sido criada por meio do Decreto número 404 em 9 de Setembro de 1938, inicialmente com o nome de Grupo Escolar Olívio Amorim², situado na Praça Santos Dumont, Trindade. Neste momento, a escola oferecia o curso primário complementar, no qual preparava os professores regentes do ensino primário. A partir da década de 1950 passa a funcionar nas mesmas dependências o Curso Normal Brigadeiro Silva Paes, que mais tarde em 1964 é transformado em Ginásio Normal.

3.2. FALA BOLEIRO

A Escola Simão José Hess foi escolhida pelo fácil acesso dos dados com o atual diretor. A primeira conversa ocorreu por meio de correio eletrônico com o intuito de apresentar a pesquisa, e conseqüentemente marcar uma reunião na própria escola, para tratar do detalhamento da pesquisa aqui apresentada.

Na primeira reunião o diretor apresentou a professora de Educação Física e em seguida foi explicado a ambos como seria a pesquisa, seguido de suas aprovações.

² Nasceu na cidade de Biguaçu em 10 de Julho de 1888. Na sua cidade natal foi agricultor e um dos fundadores do Movimento Agrícola Catarinense. Posteriormente seguiu na carreira política, sendo um dos fundadores do Partido Liberal Catarinense, prefeito de Florianópolis e deputado da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Veio a falecer no dia 22 de Julho de 1937. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Ol%C3%ADvio_Janu%C3%A1rio_de_Amorim)

Numa segunda reunião foi definida a faixa etária de 11-12 anos (6º - 7º ano). A docente ministrava as aulas nessas turmas, ela então mostrou os horários das aulas de Educação Física e foi escolhida a turma do 6º ano 2, turma do turno vespertino, pelo motivo dos horários das aulas estarem dentro dos horários disponíveis pelo pesquisador. Assim foi elaborado um termo de consentimento para que os pais autorizassem a participação dos alunos.

Em um dia pré-agendado o documento foi entregue à professora, o diretor e aos alunos. Através de uma breve conversa foi explicado a todos para que serviria o termo de consentimento. Também foi feita uma introdução sobre como seria a pesquisa, explicando as crianças que seria analisado se eles jogam futebol na escola e fora dela, e que também seriam realizadas duas observações das aulas de Educação Física, pois isso fazia parte de um estudo. Todos os alunos concordaram em participar da pesquisa.

Ficou decidido que a obtenção de informações para a pesquisa iniciaria na próxima aula de Educação Física e que as aulas poderiam ser observadas, conforme ocorressem: 1ª aula da tarde da segunda-feira; na 5ª aula na quinta-feira; e 1ª aula da tarde da sexta-feira, mas em virtude da greve dos professores, praticamente toda semana os horários das aulas foram alternados.

A primeira observação ocorreu no dia 27 de abril, uma segunda-feira. Se iniciou por volta de 13h30min. Neste dia estavam presentes 24 alunos, sendo 16 meninos e 8 meninas, a professora realizou uma breve conversa com os alunos, lembrando que a aula seria observada, em seguida os alunos se dirigiram para a quadra e deram duas voltas correndo ao redor da quadra para realizar o aquecimento. Em seguida foram formados cinco grupos: 11 alunos (9 meninos e 2 meninas) ficaram na quadra para jogar futebol, 5 alunos (3 meninas e 2 meninos) foram para uma mesa localizada no pátio jogar UNO (um tipo de jogo de cartas), e mais três grupos que ficaram separados conversando (2 meninas, 2 meninos e 1 menina e 3 meninos).

Os próprios alunos dividiram as equipes de maneira organizada e sem confusão para jogarem futebol. Ficou um time com cinco jogadores (time A) e outro com seis jogadores (time B). O time A era composto por 5 meninos e o time B de 4 meninos e 2 meninas. Era fácil de perceber que entre esses alunos que estavam jogando futebol, havia dois ou três que eram os “líderes”, ou seja, aqueles que

organizavam as equipes e as regras durante o jogo. Neste dia esses “líderes” ficaram na equipe A.

Eles mesmos criaram as regras do jogo, não houve intermediação da professora durante o jogo. Ficou nítido que o time A era mais forte, contudo no momento da escolha dos times não houve discussão e nem reclamação dos integrantes da equipe B. Reações que normalmente ocorrem quando uma equipe fica mais forte que a outra, seja qual for o local do jogo. Durante o jogo não houve nenhuma discussão ou confusão. Os alunos mais interessados no jogo, eram os 4 meninos que estavam jogando na linha no time A. A todo momento buscavam o gol e pediam a bola para o companheiro.

O time teve goleiro fixo, ou seja, um aluno ficou no gol durante todo o jogo, já no time B todos os jogadores jogaram no gol. O time B jogou sem se importar com o resultado, não se desentenderam por estar perdendo e muito menos no momento de trocar o goleiro. Contudo, pelo fato dos alunos melhores tecnicamente estarem no time A, o time B só chegava ao gol adversário por meio de chutões de longa distância e a equipe não conseguia trocar mais que três passes. A professora não interviu em momento algum na forma do jogo acontecer.

A segunda observação aconteceu na semana seguinte, na quadra, estiveram presentes 26 alunos, sendo 16 meninos e 10 meninas. Inicialmente a professora realizou um alongamento e aquecimento com os alunos na quadra. A distribuição dos alunos na quadra ficou da seguinte maneira: os meninos na frente e as meninas atrás. Iniciou com alongamento de membros superiores e posteriormente membros inferiores. Em seguida ao alongamento, os alunos realizaram um aquecimento, onde no próprio local que se encontravam, tinham que dar dois saltos e realizar um agachamento encostando a mão no chão, realizaram 6 repetições deste exercício. Esta atividade de alongamento e aquecimento teve duração de sete minutos.

Após o alongamento e aquecimento, a professora realizou o mesmo procedimento da aula observada anteriormente: os alunos que preferissem jogar futebol ficariam na quadra, e os demais poderiam fazer o que quisessem no espaço destinado para a aula de Educação Física. Nesta aula, 12 alunos ficaram na quadra para jogar futebol, sendo 11 meninos e 1 menina, os demais alunos formaram quatro grupos: 4 meninas ficaram jogando UNO (jogo de cartas), 3 alunos (2 meninas e 1

menino) ficaram no espaço coberto conversando e os demais ficaram conversando em um outro espaço.

Sobre o jogo de futebol, novamente os próprios alunos dividiram as equipes da seguinte forma: 6 jogadores para cada lado, sendo que ficou 1 jogador de cada time de fora, como se fosse um reserva. A regra que eles propuseram para a entrada desses jogadores foi a seguinte: quando sua equipe tomasse dois gols, ele escolheria um jogador para ele entrar no seu lugar. A divisão das equipes nesta aula ficou mais equilibrada, porém o jogo teve as jogadas individuais predominando em relação às jogadas coletivas. Durante o jogo não houve discussões entre os alunos.

Durante a aula, alguns alunos que não estavam jogando, se aproximavam da quadra e ficaram conversando com os alunos que estavam na reserva. O revezamento do goleiro ocorreu de maneira natural e sem discussão. Todos os alunos jogaram na linha, conseqüentemente não teve goleiro fixo, ou seja, um aluno que ficou o jogo todo no gol, fato este que ocorreu na outra aula observada.

Ao término da aula, antes de se deslocarem para a sala de aula, a professora reuniu os alunos e explicou que eu queria a colaboração e participação de todos na realização da atividade da pesquisa deste trabalho. Em um primeiro momento seria realizada uma atividade em sala de aula: nesta atividade cada aluno iria responder por que gostam ou não de futebol, como é jogado este jogo fora e dentro da escola, e quais as diferenças entre esses jogos de futebol.

Alguns alunos não gostaram de ter que participar desta atividade, contudo todos acabaram voltando para a sala de aula e participando. Desde o primeiro instante em sala de aula até o momento que acabou a atividade-campo os alunos estavam agitados, a primeira hipótese para isso ter acontecido é porque tinham acabado de vir da aula de Educação Física. Durante as aulas em sala de aula, os alunos precisam ficar em silêncio, sentados e atentos ao professor que fica na frente de todos. Já durante as aulas de Educação Física, eles estão em um espaço aberto, podendo correr e extravasar seus sentimentos de criança. Assim ao voltar para a sala de aula, os alunos precisaram de um tempo para se adaptar ao novo ambiente, no qual precisam ficar em silêncio. Outra hipótese para esse comportamento dos alunos seria a falta da presença de um professor referência à frente da turma.

Inicialmente foi pedido silêncio e, com ajuda de duas alunas, foram entregues uma cópia da atividade para cada aluno e uma folha em branco para que eles escrevessem suas reflexões. Em seguida, foi explicado aos alunos, em

pequenos grupos, do que se tratava a atividade. Foi necessário que o pesquisador instigasse os alunos a responderem as perguntas. Mesmo com alguns problemas enfrentados durante a atividade, somente dois alunos, dos vinte seis presentes na aula, não realizaram a atividade.

No retorno à escola a fim de complementar as informações obtidas através do questionário, algumas perguntas foram feitas aos alunos a fim de complementar suas respostas, estas perguntas foram construídas de forma individual, ou seja, de acordo com as respostas anteriormente dadas por cada aluno.

Em seguida foi falado com os alunos sobre outra atividade que seria aplicada. Seria uma tarefa para casa, na qual eles escreveriam sobre todos os jogos de futebol que eles jogam fora da escola e que eles se lembrassem. Eles deveriam colocar o nome do jogo, como ele é jogado e as suas regras. Foi disponibilizado para cada aluno um exemplo de como a atividade deveria ser realizada (apêndice 5), para que assim eles pudessem tirar qualquer dúvida que surgisse. Dois alunos foram escolhidos (1 menino e 1 menina) para ajudarem a entregar a folha do exemplo para os alunos que faltaram e também recolheriam as atividades dos colegas. Na semana seguinte as atividades foram recolhidas.

A seguir estão apresentados os dados obtidos na atividade-campo e ordenados em função das respostas obtidas e as informações complementares obtidas através das entrevistas semiestruturadas posteriormente realizadas com a professora e o diretor. A tabela encontra-se a fim de ordenar os pontos positivos e negativos destacados pelas crianças quanto ao futebol jogado na aula de educação física e no futebol jogado fora da escola.

Tabela 1 – Aspectos relevantes dos alunos do jogo de futebol na escola

FUTEBOL NA ESCOLA	
PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
Sempre ganhamos (1 menino)	Não tem juiz (2 meninas, 3 meninos)
Fazer gol (3 meninos)	Pessoas não se respeitam (1 menina, 4 meninos)
Gosta de jogar (8 meninos)	Colocam-me no gol (1 menino)
Na escola tem tempo para jogar e fora não. (1 menino)	Se machucar (1 menina, 5 meninos)
Bom pra saúde e cabeça (1 menina)	Cair (1 menino)
Só joga para passar o tempo (1 menino)	Suar (1 menina, 2 meninos)
	Tomar bolada (5 meninas, 1 menino)
	Maiores mandam no jogo e machucam os menores (1 menino)
	Não gosta de jogar na escola, porque tem muita briga (1 menino)
	Meninos não passam a bola para as meninas (5 meninas)
	Ser xingado pelo adversário (2 meninos)
	Não respeitam as regras (1 menina)
	Apenas meninos jogam (1 menina)
	Jogar de goleiro (1 menina)
	Porque tem que correr (1 menina, 2 meninos)
	Cansativo (1 menina)
	Chato (2 meninas, 1 meninos)
	Não passam a bola (5 meninas, 3 meninos)
	Não joga porque a professora diz que só joga quem quer (2 meninas)
	É desorganizado (2 meninos)
	Meninos acham que as meninas não sabem jogar (1 meninas)
	Pouco tempo para jogar (2 meninos)

Tabela 2 - Aspectos relevantes dos alunos do jogo de futebol fora da escola

FUTEBOL FORA DA ESCOLA	
PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
Legal (2 meninas, 4 meninos)	Não gosta de jogar (6 meninas, 3 meninos)
Tem juiz (1 menina)	Porque tem que correr (1 menina, 2 meninos)
Pessoas se respeitam (1 menina, 3 meninos)	
Sonho de ser jogador profissional (2 meninos)	
Ter que correr e fazer exercícios físicos (1 menino)	
Ver as habilidades dos adversários (1 menino)	
Aprendemos melhor (1 menina)	

A entrevista com a professora ocorreu posteriormente aos dados obtidos das atividades-campo de observação e da tabulação dos dados obtidos com a resposta dos questionamentos feitos as crianças, seguem abaixo as informações obtidas.

A professora possui Licenciatura plena em Educação Física realizada na Universidade Federal de Santa Catarina, possuindo ainda Especialização em Gestão e Metodologia Escolar. Ela trabalha no magistério há 16 anos estando há 8 anos nesta instituição. O seu planejamento é elaborado anualmente para algumas atividades, porém costuma planejar bimestralmente, quanto a se a escola possui um planejamento para a Educação Física, relatou que normalmente cada professor constrói o seu. Sobre se ocorre à interdisciplinaridade, disse que acontece principalmente com as disciplina de Biologia.

Relatou que não há grupos reuniões para se discutir o desenvolvimento da Educação Física escolar, só acontece reunião quando surge algum imprevisto. Não há reuniões, mas os professores sempre estão trocando informações, mas na maioria das vezes o assunto da conversa é sobre a utilização do espaço físico para as aulas e a estrutura da escola. As reuniões pedagógicas da escola na maioria das vezes são mais informativas do que sobre assuntos da escola, são reuniões para tratar assuntos no âmbito da escola, ou seja, sobre a escola em geral e não é focado em uma disciplina específica. A parte no Projeto Político Pedagógico da escola que fala sobre a Educação Física está de acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina.

A professora é contra o esporte voltado ao rendimento nas aulas de educação física. Pois assim acaba-se excluindo os alunos com mais dificuldades e selecionando somente os melhores. Em sua opinião esse tipo de esporte pode até ser desenvolvido dentro da escola, mas fora da educação física, talvez em grupos com o objetivo de representar a escola em competições escolares.

Sobre o futebol durante a sua graduação, não se recorda de ter feito. Sua única lembrança é ter feito uma matéria de futsal como disciplina extracurricular. Concorda que o futebol é um conteúdo importante da educação física, assim como outros esportes coletivos. Pois eles desenvolvem o espírito de equipe, honestidade, agilidade, força muscular e lealdade e a conscientização que neste tipo de esporte o mais importante é o jogo coletivo e que todos são importantes, que ninguém vencerá a partida sozinho.

Ao perguntada sobre sua experiência com o futebol aplicado de forma estruturada e não o “larga bola”, disse que a aceitação por parte dos alunos demorou, e que após essa resistência todos acabaram participando, muito por conta da sua insistência. As meninas foram quem mais adoraram esse tipo de prática, onde não era o jogo propriamente dito, se trabalhava fundamentos como passe e condução de bola, posteriormente realizava-se o jogo e havia intervenção da professora lembrando as técnicas que já fora trabalhadas em aulas anteriores. Relata que esse esporte tem grande facilidade para o seu desenvolvimento, muito em conta pela sua pouca necessidade de materiais, basta um espaço, uma bola e um grupo de pessoas, contudo existem pontos negativos em relação ao futebol jogado nas aulas de educação física. Primeiramente muitos professores utilizam o

futebol como conteúdo buscando ganhar a confiança dos alunos para a realização de outras atividades a serem trabalhadas posteriormente.

Organiza os tempos pedagógicos da aula em aquecimento, desenvolvimento e volta à calma para disciplinar a execução da aula e para na parte final os alunos terem um tempo para entrar na sala de aula. Perguntada sobre porque não interviu durante aulas observadas, respondeu que é porque não está trabalhando pedagogicamente a execução da modalidade e só interferindo quando houver necessidade.

O ponto negativo é que os alunos são muito resistentes à prática de outro esporte que não seja futebol, eles só querem jogar futebol e do jeito deles. A professora relata que existe grande rejeição dos alunos no ensino do futebol de forma estruturada pelo professor, grande parte dos alunos só quer jogar do seu jeito, sem intervenção do professor. Sabendo dessa situação, a professora quando trabalha com o futebol, inicia as primeiras aulas com o futebol jogado como os alunos querem e no decorrer das aulas vai colocando elementos que visam melhorar o jogo e que facilite a participação de todos. Perguntada sobre a diferença de futebol da escola e na escola, relatou que: o futebol da escola é o adaptado para as necessidades da escola, com regras diferentes do esporte futebol e o futebol na escola, é o futebol com caráter competitivo e com as regras oficiais deste desporto.

Durante a observação foi percebido que era proibido jogar futebol em momentos diferentes da educação física, como o recreio e antes ou depois das aulas, a professora relatou que essa atitude foi tomada, pois não há segurança para os alunos e muitos alunos fogem da escola pelo muro da área esportiva, por ser um muro baixo e distante da sala de professores e direção. E sobre a greve, a mesma disse que não aderiu porque entende que a greve foi inoportuna, no qual o governo estava arrumado com o sindicato e por isso não aderiu ao movimento.

Já a conversa com o diretor da escola aconteceu no dia 11/06/2015, ele possui formação no curso de Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e também possui formação em Gestão Educacional e Metodologia do Ensino Interdisciplinar pela Unidade de Educação de Santa Catarina (UNIESC), essa segunda formação o permite ser diretor, onde só pode se candidatar ao cargo de diretor da escola quem tiver formação em gestão escolar.

As funções do diretor na escola são as seguintes: função de administrar todos os setores da escola, entre eles os setores pedagógico e administrativo da

escola. Verificar quais os problemas da escola e tentar solucioná-los. Dar atribuições a todos os funcionários da escola e com isso buscar solucionar os problemas da escola. A escolha do diretor da escola antigamente era feita de forma partidária, onde o governo que escolhia. Nesta escola os professores da própria escola sempre escolheram quem deveria ocupar o cargo, onde os mesmos decidiam em votação qual docente queria ocupar o cargo e repassavam esse nome para o governo, sendo o diretor um cargo de confiança de todos da escola. Contudo, nos últimos anos, mudou o sistema de escolha dos diretores das escolas públicas estaduais. No qual os professores que desejarem ser diretor devem montar um plano de gestão escolar e apresentá-lo para a comunidade, e conseqüentemente a comunidade irá escolher o projeto. Pode votar na escolha do diretor: os professores e demais funcionários da escola, alunos dos anos finais do ensino fundamental e alunos do ensino médio e pais/responsáveis dos alunos menores de 18 anos.

Sobre importância da disciplina de educação física na escola, o diretor relatou que essa disciplina é importante como outra qualquer, em que ela trabalha com a expressão corporal, sendo um dos papéis da escola desenvolver um trabalho com as linguagens, entre elas a linguagem verbal e corporal (no qual entram as disciplinas de educação física e artes cênicas).

Sobre a realização de eventos relacionados à educação física foram citados as olimpíadas internas da escola e o programa atleta na escola. No qual esse é um programa do governo, onde a escola recebe uma verba para realizar um campeonato em algumas modalidades esportivas oferecidas pelo governo federal. A escola abre todas as modalidades oferecidas pelo projeto e realiza o campeonato nas modalidades que tiveram procura por parte dos alunos. A escola precisa repassar ao governo todos os dados da competição, desde a data, quais modalidades foram realizadas, quem participou e os resultados. As modalidades existentes no programa são: atletismo, judô e voleibol. Pelo motivo da escola não possuir estrutura para realizar as provas de atletismo, as mesmas são realizadas nas instalações do colégio militar, que fica a poucos metros da escola.

As reuniões pedagógicas possuem a importância de juntar os setores da escola, debater e solucionar os problemas existentes na escola, em quais pontos a escola precisa avançar. Ela também vai servir para a formação dos professores, onde há reuniões para formação do professor, buscando que o profissional sempre melhore. Em relação à greve, ele disse que toda greve é um mal necessário, onde

ela precisa acontecer para que as reivindicações da classe sejam atendidas. E como diretor tem que apoiar as decisões dos profissionais da escola, para que o professor possa melhorar as condições de trabalho.

Sobre o tipo de futebol jogado na escola, o diretor relatou que: “no futebol os alunos fazem o seguinte, o professor dá uma bola para eles, e eles aplicam as regras que eles já jogam fora da escola. Sendo um momento deles interagirem e de jogar futebol com os colegas da turma”. Relatou que pelo fato do Brasil ser o país do futebol todos acham que já sabem tudo e assim não é necessário se aprender nada sobre futebol na escola. Falou que é muito difícil mudar essa realidade em que o futebol é muito praticado nas escolas, em relação a outros esportes. Sobre o esporte de rendimento na escola, relatou que não deve ser realizado nas aulas de educação física, pois irá excluir os alunos, em virtude da variedade dos perfis dos alunos da escola e esse não é o papel da escola, contudo concorda que este tipo de esporte pode ocorrer nas gincanas e competições realizadas dentro da escola.

4 FALA COMENTARISTA

Os dados obtidos, depois de descritos, foram ordenados sob o formato de tabela, contabilizados em suas incidências de ocorrência e posteriormente interpretados a luz dos estudos teóricos realizados, gerando, assim muitas reflexões nos encontros de orientação. Os dados foram assim sistematizados e refletidos:

4.1. ANALISANDO O JOGO

A partir dos pontos levantados pelos alunos, é possível afirmar que o futebol vivenciado na educação física se aproxima ao que SILVA e CAMPOS (2014, p.40) relatam, que o futebol:

Acontece apenas no nível da prática (o fazer pelo fazer), desprovido de reflexões teóricas sobre o saber fazer corporal ou sobre as referidas conexões sociais que permite e vivenciado, na maioria das vezes, de maneira sexista, onde é oferecido como atividade apenas ao grupo masculino. Poucas vezes é abordado na perspectiva da cultura corporal de movimento, isto é, como conteúdo cultural que deve ser ensinado pela vivência prática do movimento, como também, refletido, contextualizado e redimensionado. (SILVA; CAMPOS, 2014, P. 40)

E que existe uma diferença entre o jogo fora da escola para o jogo de dentro da escola é que: no jogo fora da escola as crianças relataram que existe o respeito às regras e as pessoas, não se machucam e o jogo não é chato. Assim podemos afirmar que esse jogo fora da escola é muito mais prazeroso e que as crianças jogam para se divertir.

Quanto aos jogos de futebol (forma de jogar) que eles conhecem fora da escola, eles citaram 14 jogos, os quais foram nomeados como: cruzamento, disputa de pênaltis, “bobinho”, 2 vira e 4 ganha, 3 dentro e 3 fora, pênalti, jogo do “piruzinho”, o batedor, “driblinha”, “carrasquinho”, chutar pra fora vai pro gol, gol a gol, cada um por si, “joguinho” de futebol. A descrição e as regras dos jogos estão no (anexo 2).

Quanto às observações das aulas de Educação Física e de como a professora organizou o tempo/espço, e o trato pedagógico do futebol percebe-se que: havia a realização de um aquecimento; com pouca fundamentação teórico-

prático para sua existência, posteriormente ao aquecimento na primeira aula os alunos foram deixados livres em 3 grupos e sem a mediação da professora, o mesmo ocorrendo na segunda aula.

Em ambas as observações houve um domínio de alguns sujeitos (os meninos que jogam bem) na determinação dos jogos de futebol; as meninas foram pouco acionadas nos jogos e o jogo desenvolveu-se de forma empobrecida quanto às informações e ações técnico-táticas para quanto às ações de aprendizado mais qualificada do ensino do futebol na escola, conforme Silva e Pires (2013, p. 4) que:

O futebol como qualquer outro desporto escolar deve ter finalidade que contribuam para a formação de caráter na construção de valores e regras que possam auxiliar crianças e adolescentes no seu convívio diário, dando-os subsídios para que no futuro tornarem-se homens e mulheres com ações voltadas para o bem da nossa sociedade. (SILVA; PIRES, 2013, p. 4)

Quanto ao diretor da escola e o seu projeto político pedagógico sobre a educação física e ao ensino dos esporte/futebol na escola, ele demonstrou pouco conhecimento quanto aos debates pedagógicos mais atuais sobre o tema.

Percebeu-se também ao longo da pesquisa que o diretor da escola investigada, ignorava muitas das proposições em disputa no campo da Educação Física quanto ao ensino da cultura corporal de movimento na escola, o que torna frágil sua capacidade de estruturar e gerenciar cotidianamente uma proposta de Educação Física qualificada para sua escola, uma proposta de educação física que dialogue com as melhores elaborações didático-pedagógicas da área, e que permita pensar o ensino dessa disciplina escolar na perspectiva cidadã, crítica-reflexiva e de qualificação cultural, e técnico-instrumental quanto aos temas da cultura corporal de movimento das crianças e jovens da escola, o que nos permite pensar que mesmo havendo um intenso e acalorado debate de disputa de projetos e proposições quanto ao ensino dos conteúdos da educação física escolar na academia (universidade e fóruns científicos da área), esse debate ainda é ignorado, e pouco informado, aos dirigentes e demais educadores das escolas públicas.

E, para finalizar as reflexões aqui apresentadas, são analisados os dados obtidos a partir dos 4 campos de conhecimentos sugeridos por Capela et al (2014).

Esses campos de conhecimentos são: técnico instrumental; conhecimentos do âmbito do esclarecimento; interações sociais e sensibilização para a vida.

4.1.1. Técnico instrumental

A professora não interviu em momento algum na forma do jogo ser jogado. Perguntada sobre o motivo de não intervir, ela respondeu que é porque não está trabalhando pedagogicamente a execução da modalidade e só iria interferir quando houvesse necessidade.

Concorda que o futebol é um conteúdo importante da educação física, assim como outros esportes coletivos. Pois eles desenvolvem o espírito de equipe, honestidade, agilidade, força muscular e lealdade e a conscientização que neste tipo de esporte o mais importante é o jogo coletivo e que todos são importantes, que ninguém vencerá a partida sozinha. Porém, após a observação das aulas, percebemos que esses elementos não se efetivaram e que o jogo desenvolvido foi muito parecido com a afirmação do diretor que: “no futebol os alunos fazem o seguinte, o professor libera uma bola para eles, e eles aplicam as regras que eles já jogam fora da escola. Sendo um momento, dos que quiserem, interagirem e de jogar futebol com os colegas da turma”.

Assim podemos definir este tipo de futebol observado nas aulas como o larga bola, ou seja, o abandono docente por parte do professor, sendo uma prática que o professor tenha como objetivo ocupar seus alunos com alguma atividade, (GONZÁLEZ et al., 2013).

Poucas meninas jogam futebol, devido a alguns comportamentos dos alunos. No qual uma menina relatou: “os meninos acham que as meninas não sabem jogar”. E como no Brasil o futebol ainda é visto como uma prática masculina, onde acontece a “massificação do futebol como prática masculina” (KUNZ, 2003, p.121), os meninos acabam tomando conta da aula, reprimindo as meninas e excluindo-as do jogo, não respeitando, não passando a bola para elas, chegando com mais força e as colocando no gol. Essas atitudes dos meninos acontecem muito por conta deles acharem que as meninas não são capazes ou não possuem habilidade para a prática dos esportes (ALTMANN, AYOUB, AMARAL, 2011). Além disso, para alunos, a crença é de que:

[...] meninas não nasceram para jogar futebol justamente porque são meninas, e jogar futebol é um tema inerente e intrinsecamente pertencente a círculos socioculturais familiares, comunitários e escolares de meninos. (BUSSO e DAOLIO, 2008, p.80).

Essas atitudes acabam afastando elas do futebol. Contudo caso a professora mediasse à aula, colocando regras que privilegie não só as meninas, mais um jogo com participação igualitária de todos. Com certeza o jogo teria uma participação bem maior das meninas.

4.1.2. Do esclarecimento

Durante a pesquisa observou-se que os alunos não possuem clareza das diferentes formas de se praticar futebol, eles conhecem somente o tipo de jogo jogado na sua rua, seu bairro e o jogo transmitido na televisão. A professora poderia realizar uma reflexão junto com os alunos sobre as diferentes formas de se jogar futebol, entre elas, na rua, nos campeonatos amadores, na televisão e contextualizar todo o processo de formação de um atleta profissional, desde as categorias de base até a profissionalização, mostrando os lados positivos e negativos dessa profissão.

Pois o futebol como conteúdo da Educação Física na escola, deve:

Abordar a sua presença na cultura, as suas transformações ao longo da história, a dificuldade da expansão do futebol feminino (causas e efeitos), a mitificação dos atletas de futebol, os grandes nomes do passado, a violência nos campos de futebol, entre outras possibilidades. Ou seja, é preciso ir além do costumeiro jogar. (Darido e Souza Junior, 2007, pag.18).

Além disso, é preciso derrubar essa barreira de que todos acham que sabem de todas as regras e por isso não é necessário se aprender nada sobre futebol na escola, como afirmou o diretor. Isso acontece muito por conta “da falsa ideia de que o futebol é assunto de homens e por isto, no Brasil, não é preciso ser ensinado na escola, aprende-se em qualquer lugar”. (KUNZ, 2003, p. 11)

A professora relata que os alunos “nessa idade só querem ganhar e não importa se o jogo é bem jogado”. Porém os alunos vão jogar o tipo de futebol que eles conhecem, ou seja, aquele jogado na rua ou o transmitido na televisão. Esse jogo em que a vitória é mais importante que o jogo bem jogado é a reprodução do

jogo do senso comum de valores indesejáveis do alto rendimento, como a vitória a todo custo, a segregação dos mais fracos e que só os melhores são lembrados. Definimos esse esporte como o esporte voltado para o rendimento, tendo como conteúdo, o atleta, treino, rendimento esportivo e a competição (KUNZ, 2003).

4.1.3. Interações sociais

Analisando os pontos levantados pelos alunos, percebemos que as interações sociais entre alunos e também com o professor é muito empobrecida. Pois na sua maioria o jogo é composto por meninos, sem respeito com os colegas e com as regras, meninos não passam a bola para as meninas. Sendo que muitos desses comportamentos poderiam ser amenizados e contextualizados caso houvesse intervenção da professora.

Com isso resta aos alunos se contentarem com a realidade que eles conhecem, ou seja, o futebol somente em forma de jogo. Conforme Silva e Junior (2011, p.1) afirmam, que “o futebol vem sendo ensinado apenas como simples jogo, onde o que prevalece é o jogar futebol, o chamado “jogo pelo jogo”, desvalorizando a importância do conhecimento histórico-social do esporte, restando apenas o interesse pelo conhecimento técnico”.

4.1.4. Sensibilização para a vida

É preciso conscientizar os alunos que meninos e meninas, os mais habilidosos e menos habilidosos podem jogar futebol juntos e importante não é vencer, mas sim o jogar e o se divertir com os seus amigos. Não é simplesmente falar para os alunos mais habilidosos que todos devem participar e que não pode desqualificar os outros colegas. Deve-se conscientizar os alunos através as dificuldades enfrentadas por outros colegas. Uma das possibilidades para realizar essa conscientização é através de jogos transformados, como as traves invertidas, jogo em duplas, só meninas podem fazer gol, não pode vaiar e falar mal do colega, entre outras citadas por SILVA (2003).

5 DESLIGANDO OS MICROFONES

Um fato significativo da fase de campo é a compreensão de que ao construirmos o projeto de pesquisa idealizamos o campo de investigação e os sujeitos, o que me causa no primeiro momento uma frustração. Sendo que ao resignificar as ações de pesquisa, o que leva a novas incursões ao campo de pesquisa para a complementação das informações, através de novas estratégias.

Esse processo proporciona uma experimentação muito rica para futuras investigações e percebe-se que são necessárias na pesquisa-ação muitas idas e vindas a campo, retomar e reparar objetivos da investigação e que todo esse processo é muito educacional, para o pesquisador e os pesquisados.

Outro ponto a ser destacado é o aprendizado em relação ao movimento de greve. Que permitiu obter informações muito significativas quanto ao baixo salário e precárias condições de trabalho dos educadores do estado de Santa Catarina. Sendo necessário haver uma maior organização coletiva dos educadores para obter conquistas e superação dessas condições. Percebendo-se ainda que a professora de Educação Física da turma investigada, e mais alguns professores da escola, não aderiram à greve.

Foi constatado durante as observações que não era jogado futebol antes do início das aulas e no recreio. Na conversa com a professora, a mesma afirmou que existe essa proibição de jogar futebol no recreio, pelas quadras se localizarem em um espaço afastado em relação à sala dos professores e que o muro que separa a escola da rua é baixo, e assim podendo ocasionar em fugas de alunos pulando o muro. Contudo, ao invés de privar os alunos de jogar futebol, poderia ser utilizada a estratégia de fazer um rodízio entre os professores, onde os mesmos ficariam como mediadores da atividade, mas sem realizar grandes intervenções. Buscando perceber se os elementos debatidos e desenvolvidos durante as aulas estão sendo levados para a prática em outros ambientes.

Não percebemos também, tanto na fala do diretor, quanto da professora, propostas que permitam tratar pedagogicamente os conteúdos do ensino na disciplina de educação física e em suas práticas extraclases, com um olhar cultural, e os temas do ensino enquanto uma linguagem humana (linguagem de movimento), a ser aprendida, ou resignificada pela escola, assim, fica autorizado (pela direção) e legitimado (pela professora) aulas de Educação Física do tipo “largobool” e aulas

livres, as quais apenas ocupam o tempo, distraem e desencantam as crianças, em especial as meninas, roubando-lhes a possibilidade, por exemplo, de conhecer e aprender culturalmente e a jogar futebol, como constatou nossa investigação.

Os dilemas a ser enfrentado para um melhor ordenamento da Educação Física, o ensino dos esportes e do futebol da escola, juntamente com a melhor politização dos professores licenciados poderiam ser mais bem tratados, no âmbito da formação para os professores das escolas da rede pública de ensino, com ações conforme a seguir.

Oferecimento de programas de formação continuada para os professores de Educação Física, os dirigentes e os demais educadores da escola onde fossem tratados os temas da formação e as metodologias, com a presença da coordenação pedagógica da escola e o coletivo de trabalhadores (incluindo envolvendo nesse processo além dos educadores e gestores, os demais servidores de apoio da escola, pais e líderes comunitários).

Por fim, ficam como sugestões para outras pesquisas, temas como: investigar como o futebol é tratado pedagogicamente como conteúdo nas universidades e como esse conteúdo é re-significado para as escolas; realizar um resgate dos jogos da cultura popular dos alunos e dar trato pedagógico a esses jogos; confrontar essa pesquisa com outras realidades de escolas, professor (a) de Educação Física e faixa etária dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Beatriz Staimbach et al. Acerca da violência por meio do futebol no ensino de educação física: retratos de uma prática e seus dilemas. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p.139-147, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/3111/4095>>. Acesso em 28 de setembro de 2014.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Revista Estudos Feminista**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p.491-501, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a12.pdf>>. Acesso em 01 de outubro de 2014.

Apresentação do Grupo. 2012. Disponível em: <<http://gecupomfutebolvital.blogspot.com.br/search/label/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20do%20grupo>>. Acesso em 30 de novembro de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: Passo a passo do processo de implantação**. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2015.

BUSSO, Gilberto Leandro; DAOLIO, Jocimar. O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar:: encontro, confronto e atualização. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p.69-86, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/596/625>>. Acesso em 01 de outubro de 2014.

CAPELA, Paulo et al. **Apontamentos para o trato pedagógico educacional do esporte numa perspectiva Latino-Americana e libertadora-biocêntrica de Educação Física**. In: Prêmio Petrobras de Esporte Educacional: EXPERIÊNCIAS QUE INSPIRAM. São Paulo: Cieds, 2014. p. 31-35.

Coletivo de Autores. **Metodologia do ensino da educação física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992, p. 119.

DARIDO, Suraya Cristina. et al. A construção de um livro didático na Educação Física escolar: discussão, apresentação e análise. In: Pró-Reitoria de Graduação; PINHO, S. Z.; SAGLIETTI, J. R. C. Núcleos de ensino da Unesp – Edição 2008. São Paulo: **Cultura Acadêmica Editora**, 2008.

_____, Suraya Cristina; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola. Campinas: **Papirus**, 2007.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA SIMÃO JOSÉ HESS (Santa Catarina). Escola Estadual. **Histórico da Escola**. Disponível em: <<http://escolasimaohess.blogspot.com.br/p/historico-da-escola.html>>. Acesso em: 07 de maio de 2015.

FARIA, Eliene Lopes. Quando “rola a bola”: reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p.501-513, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v36n2/0101-3289-rbce-36-02-00501.pdf>>. Acesso em 26 de outubro de 2014.

G1 SC. **Após mais de 2 meses, professores de SC suspendem greve por 60 dias**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/06/professores-estaduais-decidem-suspender-greve-por-60-dias.html>>. Acesso em 09 de junho de 2015.

_____. **Plano de carreira motiva greve de professores em SC; entenda**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/04/plano-de-carreira-motiva-greve-de-professores-em-sc-entenda.html>>. Acesso em 09 de maio de 2015.

_____. **Professores protestam e MP sobre salários de ACTs deve ser votada dia 3**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/02/professores-protestam-e-mp-sobre-salarios-de-acts-deve-ser-votada-dia-3.html>>. Acesso em 09 de maio de 2015.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime et al. **O abandono do trabalho docente em aulas de educação física: A invisibilidade do conhecimento disciplinar**. Educación Física y Ciencia, Buenos Aires, v. 15, n. 2, p.1-16, dez. 2013. Semestral. Disponível em: <<http://www.efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/EFv15n02a03/5064>>. Acesso em 02 de junho de 2015.

GUIMARÃES, Gerson Fonseca Nicolau. **Futebol de Rua: Uma Nova Visão do Jogo**. In: Prêmio Petrobras de Esporte Educacional: experiências que inspiram. São Paulo: Cieds, 2014. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.cieds.org.br/docs/premio-petrobras-de-esporte-educacional-experiencias-que-inspiram.pdf>>. Acesso em 27 de maio de 2015.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. Ijuí: Unijuí, 2001. p.168.

KUNZ, Elenor (Org.). **Didática da educação física 3: futebol**. Ijuí: Unijuí, 2003. p. 200.

_____, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 5. ed. Ijuí: Unijuí, 2003. 160 p.

MACAGNAN, Leandro del Giudice; BETTI, Mauro. Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, p.315-327, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/84073/86906>>. Acesso em 26 de setembro de 2014.

MAGRI, Keli. **Professores de Santa Catarina suspendem greve durante 60 dias**. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/260269-professores-de-santa-catarina-suspendem-greve-durante-60-dias.html>>. Acesso em 09 de junho de 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, Victor Andrade de (Org.). **Futebol: que história é essa?** In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: Dp&a, 2000. p. 11-28.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vorazes, 2007.

PINTO, Alice Regina et al. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos**. 2. ed. Viçosa, 2011. 88 p.

ROSENFELD, Anatol. **O futebol no Brasil**. In: ROSENFELD, Anatol. Negro, Macumba e Futebol. São Paulo: Perspectiva, 1993. Cap. 3. p. 73-106.

SANTOS, Saray Giovana dos; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à educação física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. 236 p.

SILVA, Janaina Andretti. **O futebol da escola**. In: KUNZ, Elenor (Org.). Didática da educação física 3: futebol. Ijuí: Unijuí, 2003. Cap. 13. p. 165-200.

SILVA, Maria José França da; PIRES, Fábio da Silva. A prática do futebol para o aumento da assiduidade nas aulas de educação física da escola estadual de coité das pinhas em Igaci/AL. 6º ENFOPE 2013 – Encontro de formação de professores, edição internacional. **Universidade Tiradentes**, Campus Aracaju. 2013. Disponível em: <http://midia.unit.br/enfope/2013/GT10/A_PRATICA_DO_FUTEBOL_PARA_O_AUMENTO_DA_ASSIDUIDADE.pdf>. Acesso em 26 de setembro de 2014.

SILVA, Silvio Ricardo da; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. Futebol e a educação física na escola: possibilidades de uma relação educativa. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 66, n. 2, p.39-41, jun. 2014. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v66n2/v66n2a15.pdf>>. Acesso em 28 de maio de 2015.

SILVA, Tiago Onofre da; NUNES, Rafael Santos. Um possível diálogo entre futebol e gênero nas aulas de educação física: o estágio numa escola municipal de Goiânia. III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, Anápolis. 2009. Disponível em: <http://www.ceped.ueg.br/anais/IIIedipe/pdfs/2_trabalhos/gt06_educacao_fisica/trab_gt06_um_possivel_dialogo_entre_futebol_genero.pdf>. Acesso em 02 de outubro de 2014.

SILVA, Vanessa Mendis da; JÚNIOR, Edson Farret da Costa. Futebol na escola: muito mais que jogar, explorar o mundo através do conhecimento pelo esporte. **Efdeportes – Revista digital**, Buenos Aires, n. 162, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd162/futebol-na-escola-muito-mais-que-jogar.htm>>. Acesso em 27 de setembro de 2014.

SINTE-SC. **Categoria vota pela suspensão da greve**. Disponível em: <<http://sinte-sc.org.br/mobilizacao/categoria-vota-pela-suspensao-da-greve/>>. Acesso em 09 de junho de 2015.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 8, n. 1, p.1-9, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/274740_Moreira.pdf>. Acesso em 03 de outubro de 2014.

_____, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p.920-930, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000400012&lang=pt>. Acesso em 03 de outubro de 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p.

TREJO, Fernando Segura Millán et al. **Reflexões sociológicas sobre o uso do futebol social**. In: **Prêmio Petrobras de Esporte Educacional: EXPERIÊNCIAS QUE INSPIRAM**. São Paulo: Cieds, 2014. p. 23-30. Disponível em: <<http://www.cieds.org.br/docs/premio-petrobras-de-esporte-educacional-experiencias-que-inspiram.pdf>>. Acesso em 27 de maio de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária Programa de Capacitação. **Mini curso normalização**. 2012. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/minicursonormalizacao.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

WILKSON, Adriano. **O futebol brasileiro nasceu em Itu antes de Charles Miller**. 2014. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/04/11/o-futebol-brasileiro-nasceu-em-itu-antes-de-miller-dizem-pesquisadores.htm>>. Acesso em: 26 de outubro de 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eu, **GILMAR VON MUHLEN**, acadêmico do curso de Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), matriculado na disciplina Seminário de Conclusão de Curso II, tendo como orientador **PAULO RICARDO DO CANTO CAPELA**, professor dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado de Educação Física do Centro de Desportos (CDS) da UFSC. Presidente do Instituto de Estudos Latino-Americanos da UFSC (IELA) e coordenador do Grupo de Estudos em Cultura Popular e de Movimento/Futebol (GECUPOM/Futebol). Venho por meio desta solicitar a autorização da Escola de Educação Básica Simão José Hess e da professora de Educação Física para aplicar a pesquisa intitulada: **Futebol na escola: uma percepção de como o futebol está cultuado dentro de uma escola estadual de Florianópolis**. Esta pesquisa consiste em coletar os dados por meio de observação das aulas de Educação Física e a realização de uma dinâmica, buscando entender como o futebol esta presente na vida dos alunos. Esta dinâmica será dividida em três momentos: primeiramente será solicitado aos alunos que escrevam suas experiências com o futebol em um papel; no segundo momento em pequenos grupos, eles irão debater sobre as reflexões que cada um fez e em seguida cada grupo irá elaborar dois jogos de futebol e no terceiro momento iremos vivenciar dois desses jogos organizados pelos alunos. Esta dinâmica será fotografada com o intuito de posteriormente montar uma apresentação para todos os envolvidos nesta pesquisa de como foi construído este processo.

Florianópolis, ____/____/____

Diretor Professora de Educação Física

Gilmar Von Muhlen

Graduando em Educação Física

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido para os responsáveis dos alunos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eu, _____, autorizo meu filho _____, a participar da pesquisa realizada por **GILMAR VON MUHLEN**, acadêmico do curso de Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), matriculado na disciplina Seminário de Conclusão de Curso II, tendo como Orientador **PAULO RICARDO DO CANTO CAPELA**, professor dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado de Educação Física do Centro de Desportos (CDS) da UFSC. Presidente do Instituto de Estudos Latino-Americanos da UFSC (IELA) e coordenador do Grupo de Estudos em Cultura Popular e de Movimento/Futebol (GECUPOM/Futebol). Venho por meio desta solicitar a autorização dos pais e/ou responsáveis que os alunos participem da minha pesquisa, intitulada: **Futebol na escola: uma percepção de como o futebol está cultuado dentro de uma escola estadual de Florianópolis**. Esta pesquisa consiste em coletar os dados por meio de observação das aulas de Educação Física e a realização de uma dinâmica, buscando entender como o futebol esta presente na vida dos alunos. Esta dinâmica será dividida em três momentos: primeiramente será solicitado aos alunos que escrevam suas experiências com o futebol em um papel; no segundo momento em pequenos grupos, eles irão debater sobre as reflexões que cada um fez e em seguida cada grupo irá elaborar dois jogos de futebol e no terceiro momento iremos vivenciar dois desses jogos organizados pelos alunos. Esta dinâmica será fotografada com o intuito de posteriormente montar uma apresentação para todos os envolvidos nesta pesquisa de como foi construído este processo.

Florianópolis, ____/____/____

Assinatura do responsável

APÊNDICE C – Questionário para professora

1. Fale um pouco sua formação.
2. Quanto tempo trabalha no magistério?
3. Quanto tempo trabalha nesta escola?
4. Fale um pouco como você elabora seu planejamento (aula, bimestral, semestral).
5. Acontece interdisciplinaridade da educação física com outras disciplinas?
6. Existe planejamento da Educação Física na escola?
7. Existem reuniões para se discutir a Educação física na escola?
8. Há alguma parte no PPP da escola que fala sobre a Educação física?
9. O que é tratado nas reuniões pedagógicas, e como é re-significado para a Educação física?
10. Sua posição sobre o esporte de rendimento na escola.
11. Comente sobre sua experiência com o futebol na educação física.
12. Pontos positivos e negativos de se trabalhar com futebol.
13. Fale sobre futebol da escola e futebol na escola.
14. Como você divide os tempos pedagógicos durante a aula (ex: aquecimento, desenvolvimento e volta a calma).
15. Qual sua opinião sobre a proibição de jogar futebol no recreio.
16. Seu posicionamento em relação à greve? Porque você não aderiu à greve?

APÊNDICE D – Questionário para o diretor

1. Comente sobre sua formação?
2. Quais as funções do diretor?
3. Comente sobre a importância da educação física para a escola?
4. Quais eventos existem na escola envolvendo a educação física, além das aulas?
5. Fale da importância das reuniões pedagógicas e quais os seus benefícios?
6. Sua posição em relação à greve?
7. Sua opinião sobre o futebol como conteúdo nas aulas de educação física?
8. Em sua opinião qual a diferença entre futebol na escola e o futebol da escola?
9. Concordas com a prática do esporte de rendimento dentro da escola?

APÊNDICE E – Atividade de resgate dos jogos de futebol jogado fora da escola pelas crianças

NOME DO JOGO:

COMO É JOGADO ESSE JOGO:

REGRAS DO JOGO:

EXEMPLO

NOME DO JOGO: 3 dentro e 1 fora

COMO É JOGADO ESSE JOGO: esse jogo consiste em ficar um jogador no gol e dois jogadores na linha. Se os jogadores da linha fizerem três gols eles ganham o jogo. Caso um dos jogadores da linha chute a bola para fora, o goleiro vai para a linha no lugar desse jogador que chutou para fora.

REGRAS DO JOGO: só vale chute com a bola no alto, antes dela bater no chão. Se o goleiro encaixar três bolas, equivale a um chute para fora.

Só pode chutar a bola fora da área. Dentro da área só vale gol de cabeça.

Só tem rebote se o chute pegar na trave e voltar para os jogadores de linha, no rebote os jogadores pode dar 3 toques na bola e mais o chute, esse chute pode ser feito de qualquer lugar, até dentro da área e com a bola rasteira.

ANEXOS

ANEXO A – Reflexão dos alunos sobre o futebol que eles jogam

Tabela 3 – Reflexões dos alunos sobre o futebol que eles jogam

Tabela 3: Reflexão dos alunos sobre o futebol que eles jogam (continua)			
NOME DOS ALUNOS	DESCRIÇÃO COMO JOGA FUTEBOL	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
ALUNO 1			Não gosta de jogar futebol e nunca jogou
ALUNO 2	Gosta um pouco de futebol, contudo prefere ficar com seus amigos. As pessoas que jogam futebol são muito bobas e eles o colocam no gol por ele ser bom no gol.	Fazer gol	Se machucar, cair, suar, tomar uma bolada.
ALUNO 3	Joga futebol com os amigos, as traves são de tijolos. Às vezes a bola é minha e às vezes dos amigos. Joga no campo do condomínio do seu amigo, tem campo de areia e quadra. Tiram sorteio para ver aonde irão jogar. Ele prefere jogar na quadra. Eles podem jogar segunda, quarta e sexta, contudo ele queria jogar todos os dias.	É legal porque sempre ganhamos e todos fazem gol.	Queria que tivesse mais tempo na escola.
ALUNO 4	Joga de chuteira ou descalço, mas prefere de chuteira. Joga na quadra da escola ou em um campinho de areia, no campinho de areia é bom porque não se machucam. Joga com seus irmãos ou amigos. Seu jeito de jogar é sem dar chutes na canela e empurrões.	Gosta de futebol porque todos se divertem. Todos tem que agarrar.	Que os maiores sempre são os que machucam os menores e também os que mandam.

Tabela 3: Reflexão dos alunos sobre o futebol que eles jogam (continuação)			
ALUNO 5	Joga na rua, na quadra de cimento ou em um campinho de areia. Joga com seus tios, irmãos e amigos.	Gosta de futebol porque é um momento de diversão. E porque acredita que no futuro possa ser um jogador profissional.	
ALUNO 5		Gosta de futebol por que mais para frente pode ser jogador profissional.	Não gosta de jogar muito na escola, pois tem muita briga.
ALUNO 6	Não gosta de futebol porque tem que correr e é cansativo correr.	Fazer gol	Se machucar, ser xingado pelo adversário, ninguém respeitar você. Fora da escola os colegas te respeitam e na escola ninguém te respeita. Não tem juiz.
ALUNO 7	Joga no campo do seu bairro e na área de sua casa. No jogo fora da escola eles dividem dois times e dois goleiros. O jeito de jogar é simples e fácil, todos são atacantes. Na escola dividem em 2 times, independente de quantas pessoas tiver, as equipes tem que ter o mesmo número de jogadores. Os meninos deveriam ter mais calma durante o jogo, porque quando pensam muito em fazer gol, acabam saindo sério.	Gosta de futebol porque é legal e divertido. E gosta de futebol por que joga com seus amigos, irmãos e primos.	No seu bairro tem juiz e as pessoas se respeitam. Já na escola não tem juiz e as pessoas não se respeitam. Os meninos não passam a bola para as meninas.

Tabela 3: Reflexão dos alunos sobre o futebol que eles jogam (continuação)			
ALUNO 8	Não joga fora da escola e só joga na escola porque é a única coisa que tem para se divertir. Joga sem vontade e com seus “amigos” e só nas aulas de Ed. Física. Apenas 3 meninas da sala jogam futebol.	O único jogo que acha legal é o jogo dos profissionais. O resto é ruim.	Na escola o jogo é ruim porque os colegas não respeitam as regras. Não tem juiz. Os meninos não passam a bola.
ALUNO 9	Jogaria futebol caso mais meninas jogassem. Gostaria que os meninos tivessem que tocar para as meninas		Não joga futebol, pois tem que correr muito e a bola a acerta. Odeia futebol, normalmente apenas meninos jogam e assim se sente desconfortável. Sente muita dor quando corre e quando fica no gol, sempre toma bolada. Só joga na escola e quando é obrigada.
ALUNO 10	Não gosta de futebol porque não gosta de correr, assim sua muito. Sempre se machuca quando joga. Os colegas deveriam jogar com menos grau de competitividade. E assim levarem o jogo mais na esportiva.	Nada.	Suar, se machucar e os adversário xingam e batem.
ALUNO 11	Gosta de futebol porque mais pra frente pode ser jogador profissional.	Joga num parque com outras pessoas e é muito legal.	Fora da escola tem muita briga e dentro da escola é muito legal porque joga com os amigos.

Tabela 3: Reflexão dos alunos sobre o futebol que eles jogam (continuação)			
ALUNO 12	Joga na praia com seus irmãos e amigos.	Gosta de futebol, porque tem que correr e fazer exercícios físicos.	Na escola tem tempo para jogar e fora não.
ALUNO 13	Seria legal se todas as meninas jogassem.	Joga futebol na escola, nas aulas de Educação Física.	Não gosta de futebol porque é cansativo e muito chato. Meninos não passam a bola e tenho medo de levar bolada.
ALUNO 14	Não vê diferença entre o futebol fora e nas aulas de Educação Física.	Legal e divertido. Ver as habilidades dos adversários.	Machucar o colega por querer.
ALUNO 15		Acha legal jogar na escola, pois joga com seus amigos.	Não acha legal jogar futebol, prefere vídeo game. Não joga porque os colegas não passam a bola e são fominha de mais.
ALUNO 16	Não gosta de jogar, porque prefere fazer lutas.		Não gosta porque tem que correr e sente muita dor. Não joga futebol na escola.
ALUNO 17	Só joga no projeto. Na escola não joga porque a professora diz que só joga quem quiser.		Não gosta de futebol porque odeia e é chato, tem medo de tomar bolada e os meninos não passam a bola.

Tabela 3: Reflexão dos alunos sobre o futebol que eles jogam (conclusão)			
ALUNO 18	Gosta de jogar futebol, pois é legal e é um esporte jogado em grupo, praticado ao ar livre. Joga na escola e na escolinha de futebol. Prefere na escolinha porque na escola o piso é de concreto e na escolinha é grama.		Não gosta de jogar na Ed. Física porque ninguém toca pra ele e porque é desorganizado. Não tem juiz.
ALUNO 19	Ela acha que todos jogam futebol, porque talvez possam virar jogador profissional um dia.	Gosta de futebol porque é bom para saúde e bom pra cabeça.	
ALUNO 20	Gosta de futebol porque é muito legal, joga no projeto e na escola.		Meninos não respeitam e só jogam entre eles. Os meninos acham que as meninas não sabem jogar.
ALUNO 21	Não joga porque a professora diz que só joga quem quiser.		Não joga futebol porque se machuca, toma muita bolada. Não jogaria caso mais meninas jogassem.
ALUNO 23	Só joga futebol na escola para passar o tempo.	Marcar gol. O futebol jogado fora da escola é mais organizado, pois tem juiz e treinador.	Ninguém passa a bola para ele. O futebol da escola não é organizado.
ALUNO 24			Não gosta de futebol porque sua muito e se machuca.

ANEXO B – Joguinho dos alunos

a) Nome do jogo: Cruzamento

Como é jogado: O jogo é só cruzamento, quem fizer um gol de cabeça poderá tirar um adversário até ficar só uma pessoa que vencerá.

Regras do jogo: Só se pode fazer o gol de cabeça, não pode cometer falta, quem fizer falta sai do jogo.

b) Nome do jogo: Disputa de pênaltis

Como é jogado: Disputa de pênaltis só pode ser jogado com 4 pessoas formados pelos jogadores A1 e A2 que são o mesmo time e jogadores B1 e B2 que são outro time. O A1 chuta no B2 que depois disso se inverte, o A2 chuta no B1 e isso se inverte também. Após as cobranças de pênalti, quem tiver feito o maior número de gols ganha, se caso houver empate, será tudo iniciado novamente.

Regras do jogo: Cada um terá uma cobrança e uma defesa a ser feita e não tem rebote.

c) Nome do jogo: Bobinho

Como é jogado: Os jogadores ficam em uma roda, sendo que um deles fica no meio da roda, ele tem que roubar a bola de um dos outros jogadores, a pessoa de quem ele roubar a bola, se torna o bobinho.

Regras do jogo: Os jogadores que não forem o bobinho podem dar quantos toques que quiserem na bola; o bobinho precisa roubar a bola para deixar de ser bobinho; caso o bobinho tome um drible entre as pernas, deve permanecer mais uma rodada no meio da roda.

d) Nome do jogo: 2 vira e 4 ganha

Como é jogado: Pode ser jogado em qualquer espaço disponível, um jogo normalmente jogado em duplas, ou seja, dois contra dois, normalmente o tamanho do gol é de 4 passos de um dos jogadores, o gol pode ser feito com qualquer material, desde sandálias até tijolos. Vence a equipe que marcar 4 gols primeiro.

Regras do jogo: O jogo é dividido em dois tempos, para que cada equipe jogue nos dois lados do campo, troca-se o lado do campo quando uma das equipes fizer dois gols primeiro. E vence a equipe que marcar quatro gols.

e) Nome do jogo: 3 dentro e 3 fora

Como é jogado: Esse jogo consiste em ficar um jogador no gol e dois jogadores na linha. A partida termina quando os jogadores de linha fizerem três gols ou o goleiro marcar três pontos.

Regras do jogo: É feito uma área, só vale gol chutando a bola rasteira fora da área e gol dentro da área só vale de cabeça; o chute tem que ser dado de primeira, não podendo o jogador dar mais de um toque quando for chutar, exceto quando for rebote, se o goleiro espalmar o chute ou a bola bater na trave e voltar para os jogadores de linha, tem rebote, no rebote pode dar 3 toques na bola antes de chutar e vale gol de qualquer lugar, até dentro da área. O goleiro marca ponto nas seguintes situações: encaixar a bola que vir no alto sem dar rebote; o chute ir pra fora sem tocar no goleiro e se fizer gol de pênalti, há pênalti para o goleiro caso um dos jogadores de linha coloque a mão na bola.

f) Nome do jogo: Pênalti

Como é jogado: O jogo acontece com pelo menos dois jogadores, é jogado um contra um e quem marcar mais gols vence a partida.

Regras do jogo: Cada jogador cobra cinco pênaltis, não tem rebote, quem marcar mais gols vence o jogo.

g) Nome do jogo: Jogo do piruzinho

Como é jogado: É jogado um contra um ou dois contra dois. Piruzinho é o drible que o jogador joga a bola entre as pernas do seu adversário. Existem dois tipos de piruzinho: o completo e o não completo. O piruzinho completo é aquele que você passa a bola no meio das pernas do adversário e consegue pegar a bola no outro lado e não completo é o que você não consegue pegar a bola depois de jogar entre as pernas do adversário. Vence o time que marcar mais pontos

Regras do jogo: Cada piruzinho completo vale um ponto e o piruzinho não completo vale meio ponto. A equipe que cometer falta (chutar ou puxar o adversário) perde um ponto e a equipe que sofreu a falta ganha um ponto.

h) Nome do jogo: O batedor

Como é jogado: É o jogo de bater faltas, caso tenha bastante gente para jogar, além de ter o goleiro vai três pessoas na barreira. Se o batedor fizer o gol continua batendo.

Regras do jogo: A mesma pessoa só pode bater três faltas seguidas, se ela bater três vezes, troca-se o batedor. Caso o batedor não faça o gol, ele vai para a barreira, alguém da barreira vai chutar e o goleiro vai para a barreira.

i) Nome do jogo: Driblinha.

Como é jogado: Este jogo tem como propósito driblar o adversário.

Regras do jogo: O jogo é individual, onde cada um tem que tentar driblar os outros jogadores, não tem limites de jogadores.

j) Nome do jogo: Carrasquinho

Como é jogado: É necessário pelo menos 3 jogadores, um jogador agarra e os outros dois jogam entre si, fazendo gol no mesmo gol, vence quem fizer três gols primeiro. Quem perder vai para o gol.

Regras do jogo: Só vale fazer gol fora da área demarcada, pode ser jogado 1x1, 2x2, 3x3.

k) Nome do jogo: Chutar pra fora vai pro gol

Como é jogado: Cada jogador chuta uma bola no gol. Alternando a vez de quem chuta.

Regras do jogo: Caso alguém chute para fora, ele vai para o gol e o goleiro vem chutar. Quem fizer gol, pode chutar uma bola para fora.

l) Nome do jogo: Gol a gol

Como é jogado: Cada jogador defende um gol e pode chutar a bola até o meio de campo. Vence quem fizer três gols.

Regras do jogo: Caso o chute acertar a trave, dá o direito de cobrar um pênalti.

m) Nome do jogo: Cada um por si

Como é jogado: Só tem um gol com goleiro e pode ter quantos jogadores quiser. Vence o jogador quem sobrar por último.

Regras do jogo: É demarcada a área e só vale fazer gol fora da área, todos jogam por si, quem fizer gol escolhe alguém para sair do jogo, vence o jogador que fizer o último gol. Quem vencer a partida escolhe o próximo goleiro.

n) Nome do jogo: Joguinho de futebol

Como é jogado: Divide-se duas equipes, com 5, 6 ou 7 jogadores para cada equipe e quem fizer dois gols primeiro vence a partida

Regras do jogo: É um jogo com as mesmas regras do futebol convencional.